

A Illustração Portuguesa
SEMANARIO
REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. C. Machado; J. de Menezes; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por J. Lima;—*A administração da Índia Inglesa*, por Pinheiro Chagas;—*Conto de Maio*, por Nautilus;—*O Menino Jesus*, conto, por José Maria da Costa;—*Os eccentricos do meu tempo*, (continuação), por L. A. Palmeirim;—*A Sociedade de S. Petersburgo*—*Salões e perfis*—*Alta sociedade moscovita* pelo Conde Paulo de Vasili;—*De um arqueiro um cavalleiro*, conto, por Aimé Girou;—*Em familia* (*Passatempos*);—*A rir*;—*Um conselho por semana*;—*Imagem da vida*, versos, trad. de Germaino Vendrell;—*As nossas gravuras*

GRAVURAS:—*O brigadeiro Villacampa*;—*O principe Brancoan*;—*O mestre de pintura*;—*No balouco*;—*Mouras do Senegal*;—*Egreja matriz da Villa da Praia da Victoria*.

CHRONICA

Certamente me não atrevo a contestar que o exercicio das senhoras medicas venha a ser da mais alta inconveniencia... para os medicos.

Acho portanto justificadissima a indignação dos Esculapios preexistentes, em face da sr.^a D. Amelia Cardia, que, sem respeito nenhum pelas batatas, projecta devassar os mysteriosos processos da medicina. Julgo não me affastar sensivelmente da verdade, afirmando que a concorrência pode considerar-se mãe de todos os vicios.

Effectivamente, em Lisboa ha medicos de mais. D'aqui resulta que os opiniosos filhos da sciencia, desenvolvendo-se n'uma esphera cuja capaci-



O BRIGADEIRO VILLACAMPA

dade é inconciliavel com a somma das capacidades dos seus respectivos estomagos, hão-de forçosamente proseguir no expediente que ultimamente adoptaram de se tragar uns aos outros. Amen.

Entre nós ha realmente medicos de mais, e é muito possivel que dentro em pouco não haja mesmo outra coisa. A parte da população alheia á escola medico-cirurgica tende com uma rapidez incalculavel para o aniquilamento, visto que, admittida mesmo a hypothese já agora muito problematica de, nos primeiros periodos da existencia, uma pessoa se escapar incolume das garras da parteira, será comtudo necessaria uma felicidade extrema para que essa pessoa, no decurso da vida, não venha a tropeçar n'um medico.

A' proporção que o numero de clinicos tende para o infinito, é, por assim dizer, palpavel que tende para zero o numero de clientes. Eis a razão, sr. D. Amelia Cardia, pela qual me não resolvo a louvar-lhe a coragem com que a vejo embrenhar-se no labyrintho d'essa ingrata sciencia, que progride todos os dias, descobrindo sempre maneiras, cada vez mais aperfeiçoadas e mais simples, de prestar á humanidade enferma o descanso da sepultura.

Primeiro que V. Ex.^a exerça legalmente a medicina, é necessario que decorram cinco annos. Ao cabo d'esse tempo concorrerá em Lisboa um numero de medicos duplo do actual, circumstancia mais do que sufficiente para o exterminio completo da população. E V. Ex.^a ver-se-ha forçada a empregar os seus conhecimentos na criação de hypotheses mais ou menos robustas, sobre as quaes em seguida applicará as doses fataes de strychnina que destinava ao proximo.

E V. Ex.^a emfim, robustecida aliás pelos trabalhos de uma educação difficultosa, se não buscar outros recursos, ha-de morrer tambem com um ataque de instrucção primaria, isto é, de fome.

Parece-lhe, minha senhora, que por semelhante futuro valha a pena, como V. Ex.^a diz, levantar com dignidade uma luva?

Não faça tal. Isso de apanhar luvas é uma coisa que só vae bem nos trapeiros, que, de resto, o não fazem com dignidade; fazem-o com um gancho.

Porque, de mais a mais, uma luva que se lança fóra, quer seja ao chão quer seja ao rosto do proximo, só em numero limitadissimo de casos, poderá sêr uma luva em bom estado. Não vale a pena, creia.

Eu, que ainda ha pouco me sentava com V. Ex.^a nos bancos da mesma escola, e que não prevejo situação nenhuma em que entre nós se venha a derramar a bilis da concorrência, sinto-me naturalmente impellido para o seu lado, na discussão que a sua passagem para a escola medida provocou.

Não receio, por nenhum principio, essa invasão do bello sexo nas funcções até hoje exclusivamente destinadas ao sexo forte. E' um facto que me parece tanto mais natural, quanto maior é a indiferença com que tenho visto acceitar as invasões do sexo forte nos dominios do bello sexo.

A natureza engana-se, por vezes. Bom será que ao homem se facultem todos os meios de corrigir quanto possivel os destemperos da natureza.

E no caso presente, confesso mesmo que, em minha opinião, morrer por morrer, antes ás mãos de V. Ex.^a do que ás de um sabio muito feio, ou ás de um lindo ignorante.

O que porém lamento é que V. Ex.^a, uma senhora afinal, tenha a coragem de estudar medicina n'uma cidade em que, já hoje, as discussões propriamente de interesse medico, vem quasi todas a acabar á bofetada. E' como se está vendo.

Sei que possuie intelligencia e vontade bastantes

para estudar, mas receio muito que não tenha a disposição e a força necessarias para jogar o murro.

E a verdade é que a semana teria passado inteiramente desapercibida, se á luz do jornalismo não tivesse desabrochado a questão das medicas, e se na sombra da Boa-Hora não se houvesse representado mais uma scena repugnante. Tal foi a condemnação d'esse pobre Francisco Gonçalves de Faria, em cujo crime havia de certo attenuantes extraordinarias, mas em cuja bolsa não havia o dinheiro necessario para justificar uma innocencia.

E' que o desgraçado, em meio da allucinação que devia tornal-o irresponsavel, teve a suprema ingenuidade de castigar a traição da amante n'um logar e n'uma occasião que baniam absolutamente a possibilidade de se lhe dar o crime por não provado, formula que, de resto, é necessario não amesquinhar, destinada como está para uso dos bandidos endinheirados.

O que prova um passado longo de honestidade e d'amor se no momento da loucura, o criminoso não tiver consigo um punhado de libras que argumentem em seu favor? Que importa um coração de pae dilacerado, um coração de amante repellido, um caracter brioso deshonorado, que importa emfim toda essa ninharia, que justifica aliás a superioridade humana, se ao par de tão bonitos sentimentos se encontra apenas um revolver descarregado, cujo mediocre valor é a riqueza inteira do desgraçado que d'elle se serviu.

Que Francisco Gonçalves estava perfeitamente allucinado ao praticar o crime, que descarregou sobre a amante com a mesma consciencia com que o teria feito sobre si proprio, se a arma n'essa occasião se lhe tivesse voltado para o peito, que á vista do sangue da mulher estremecida se quedou immediatamente horrorisado, sinceramente arrependido, são coisas de que ninguém duvida, principalmente se escutou a exposição eloquentissima da defesa.

E' certo mesmo que ninguém esperava a condemnação do reo. Tão certo como ter sido elle condemnado a dois annos de prisão e mais um anno de multa a 500 réis por dia.

Sem custas nem sellos, por sêr pobre, diz a sentença. Os dois annos de prisão são evidentemente para que o reo tenha tempo de se arrepender, e de arranjar dinheiro para a multa.

Ainda bem que para nos arredar do espirito os tristes espectaculos da Boa-Hora, nos resta ao menos o modesto expediente d'ir passar as noites ao Colyseu.

Não todas, comtudo. Porque ha recitas no Colyseu que assumem perfeitamente as proporções de um chá em familia. N'essas occasiões é impossivel estar a gente ali sem bocejar, o que entretanto não fica mal a ninguém, porque o visinho, se não boceja, adormeceu.

E' necessario esperar os dias da *gomme* e do *sport*, como dizem os cartazes.

E' então que a sr.^a Fillis se apresenta com o seu garbo de amazona correctissima, montando um cavallo intelligente e docil, que faz tudo quanto a dona quer e mais alguma coisa.

Faz rotações muito perfeitas, galopa recuando, é um prodigio! Nem outra coisa se podia esperar de um animal que vem expor os seus trabalhos, aos olhos de um publico que tanto animal tem visto.

Não ha muito que Elvira Guerra passeiava pela Avenida fóra, e ninguém vae jurar que essa recordação esteja completamente apagada nos espiritos detodos os *sportmen*.

Ha coisas que deixam tanta saudade!

A ADMINISTRAÇÃO DA INDIA INGLEZA

Agora que a attenção do publico está sendo chamada para as questões colonias, e que tudo parece indicar que a administração das nossas provincias ultramarinas será objecto de um estudo serio, é bom que tomemos conhecimento do modo como as grandes potencias administram os paizes ultramarinos, e de certo um dos estudos mais curiosos que poderemos fazer é o da administração d'esse collossal imperio, onde está encravado o nosso pequeno territorio de Goa e das suas dependencias—a India Inglesa.

A publicação recente de alguns relatorios importantissimos e de obras especiaes que o sr. Barthélemy Saint-Hilaire extracta e resume n'esse curioso artigo do *Journal des Savants* habilita-nos a dar aos nossos leitores uma rapida e curiosa informação do modo como se rege e administra esse immenso imperio anglo-indiano, que poderia hoje ser um imperio luso-indiano, se Affonso de Albuquerque tivesse successores, que estivessem á sua altura e que soubessem comprehendel-o.

Pomos de parte completamente as indicações historicas que não entram no nosso quadro, e tomaremos como objecto do nosso estudo a India Inglesa como elles e desde que em 1853 se poz termo á administração da antiga companhia.

A administração da India constitue em Inglaterra um ministerio especial. O ministro e secretario de Estado dos negocios da India é membro do gabinete. Tem para o auxiliar no trabalho um conselho da India composto de quinze membros, nove dos quaes devem ter servido na India durante dez annos, e devem ter regressado da India quando muito dez annos antes de serem nomeados. O logar de membro do conselho da India é incompativel com o logar de membro de qualquer das duas casas do parlamento. A duração normal das suas funcções é de dez annos, periodo que pode ser prorogado por mais cinco annos, se assim convier ao bem do serviço.

O ministro tem de ouvir o conselho em todos os negocios de importancia, e só em alguns casos é obrigado a conformar-se com o voto de maioria, mas, quando está em desaccordo com esse voto, precisa de apresentar as razões que para isso teve. Em caso de urgencia porém pode resolver sem ouvir o conselho, e sem motivar a sua deliberação.

Apresenta todos os annos as suas contas ao Parlamento, e não pode tomar qualquer resolução de que possa provir uma guerra, sem auctorisação preliminar da camara. Tambem nenhuma operação militar fóra do territorio indiano pode ser paga pelo orçamento da India sem auctorisação do parlamento inglez.

O ministro nomeia o governador geral, o governador da presidencia, os procuradores da corôa, e os membros effectivos dos diversos conselhos. O governador geral nomeia os logares tenentes-governadores, e o ministro confirma.

O governador geral, ou antes o vice-rei, porque tem hoje esse titulo, é auxiliado por um conselho composto de cinco ou de seis membros effectivos, tres dos quaes devem contar já dez annos de serviço na India. O commandante das forças militares é membro nato do conselho, e se o vice-rei reúne esse conselho em alguma terra penitente á procedencia de Madrasta ou de Bombaim, o respectivo presidente é chamado a tomar assento. O conselho assim constituido não pode senão consultar sobre negocios da attribuição do poder executivo. Exerce tambem funcções legislativas mas n'esse reforça-se com doze membros, que são nomeados por doze membros pelo menos devem ser estranhos ao funcionolismo. Os actos legislativos devem ser sancionados pelo vice-rei, e a corôa tem sempre o direito do voto. O vice-rei tambem p[ode] em assumptos urgentes legislar, maa as leis que decreta assim só vigoram seis mezes.

Os presidentes de Madrasta e de Bombaim tambem têm os seus conselhos de governo, compostos de quatro membros, e tambem estes conselhos podem legislar, passando então a ser de oito membros. Emfim o logar-tenente governador de Bengala tem o seu conselho legislativo, e projecta-se estabelecer a mesma instituição ao lado dos governadores das provincias do Noroeste e do Pendjab.

O vice-rei representa a rainha ou antes a imperatriz das Indias, porque tomou esse titulo em 1877, mas as duas presidencias de Madrasta e de Bombaim são quasi completamente independentes do vice-rei que é quasi apenas presidente da presidencia de Calcuttá. Apenas dependem d'elle para alguns actos especialmente assignados pelo parlamento. Possui, como dissemos, os seus conselhos de governo com poderes legislativos, o seu exercito indigena, o seu estado-maior de administração civil, e correspondem-se directamente com o secretario de Estado.

A presidencia de Calcuttá, de que é chefe o vice-rei, comprehendendo dez provincias, quatro das quaes são administradas directamente por elle e seis indirectamente. As primeiras quatro são Adjmera, Berár, Crurg com Bengalvire e ilhas-Andaman. Comprehendem 5 milhões de habitantes. As provincias administradas

indirectamente são: a Bengala propriamente dita, o Arram, o Noroeste com o Oude, o Pendjab, o Centro e a Birmania. As quatro primeiras tem á sua frente commissarios sujeitos á fiscalisação de agentes geraes, as outras seis são governadas, por logares-tenentes governadores, commissarios etc.

O Bengala conta 67 milhões de habitantes. O governador não pode ser nomeado sem ter dez annos de serviços ea India, auxiliado por um conselho de dez membros que elle proprio nomeia com a obrigação de ser uma terça parte estranha ao funcionalismo. A sede do governo é em Calcuttá.

O Assam tem 5 milhões de habitantes, e é governado por um commissario em chefe.

O Noroeste, a que se aggregou o Onda recentemente, conta 45 milhões de habitantes, entrando n'esse numero dois Estados indigenas. O logar-tenente governador do Noroeste é ao mesmo tempo commissario geral do Onda. A capital era antigamente Agra, mas, depois da revolução, passou para Allahabad.

O Pendjab comprehende trinta e quatro Estados indigenas, entre elles o famoso reino dos Sikhs. Tem 19 milhões de habitantes, e o logar-tenente governador reside em Lahore.

A Birmania inglesa, quer dizer a que possuíam antes dos ultimos successos, tinha 4 milhões de habitantes, e o commissario em chefe residia em Raugoon.

A presidencia de Madrasta comprehende apenas 35 milhões de habitantes.

A de Bombaim tem 16.500.000 habitantes, sem fallar em 7 milhões de habitantes nos Estados indigenas. Tem nas suas dependencias Aden.

A população total da India inglesa é de 198.750.000 habitantes, directamente sujeitos á Inglaterra, mas ha ainda 55.150.456 habitantes nos Estados indigenas, todos subordinados ao poder da Grã Bretanha.

Esses Estados, que são numerosissimos e alguns d'elles bastante importantes, pagam todos tributos; ha um Estado pequenissimo, o Paldeo que paga apenas uma renda de casa 24 libras por anno, e ha o Mysore que paga por anno 245.000 libras.

Os poderes dos differentes soberanos são muito diversos. O de Hyderabad por exemplo cunha moedas, levanta impostos, e tem direito de vida e de morte sobre os seus subditos. Outros estão completamente subordinados ás authoridades inglezas.

Todos elles, grandes e pequenos, gravitam como satellites em torno do governo inglez, cubiçando as honras que este governo distribue com tacto, mostrando um grande zelo pela etiqueta, e attendendo com toda a cautella ao numero de tiros das salvas que em sua honra se disparam quando vão a Calcuttá visitar o vice-rei. O numero de tiros d'essas salvas é que marca effectivamente os graus da sua hierarchia.

Os Estados estão divididos em duas classes: uns tratam directamente com o vice-rei, outros só tratam com os logares-tenentes governadores das provincias em que estão encravados.

O Hyderabad é o mais importante de todos estes Estados. A sua população é de 10 milhões de habitantes, e as suas receitas elevam-se a 3 milhões de libras ou treze mil e quinhentos contos.

O Myson tem 5 milhões de habitantes e um milhão de libras de receita, ou quatro mil e quinhentos contos. Myson é o reino celebre de Tippop-Saib.

O Baroda tem dois milhões de habitantes. O Cachemira tem pouco mais ou menos a mesma população, mas este reino pode dizer-se completamente independente. O tributo que paga á Inglaterra é puramente nominal, porque consta de um cavallo, de doze cabras e de tres chales por anno.

A India tem seguramente oitenta Estados, que comprehendem uns dez milhões de habitantes, e entre as quaes ha apenas seis que teem uma tal ou qual importancia a saber: o Geralior com tres milhões de habitantes, o Indroc, o Bhopal, o Malwa occidental, o Bhil e a Bonndelkhand.

Ha uma outra agencia, a de Radj apontana, dividida tambem em oito sub-agencias, que fiscalisa uma agglomeração de vinte Estados indigenas que contam ao todo uns dez milhões de almas.

No Bengala ha quatro Estados indigenas com 3 milhões de habitantes, no Assam vinte e seis, no Noroeste dois, etc, etc. A presidencia de Madrasta tem muito poucos principados, a de Bombaim muitissimos.

O numero de Estados indigenas sujeitos á suzerania dos Ing'ezes na India é de trezentos a quatrocentos, comprehendem 169 a 903 cidades ou aldeias, e pagam á Inglaterra um tributo annual de 703 a 490 libras esterlinas.

Estes Estados indigenas tendem evidentemente a desaparecer, porque não tem raizes na população, e não tem realmente razão de ser. Effectivamente esses Estados são quasi todos de formação recentissima, e resultavam da decomposição do imperio mongolico da soberania; são ja hoje uns perfeitos manequins nas mãos dos Ing'ezes, e no momento em que a Inglaterra queira, todos acabam, com excepção de pouquissimos.

N'outra occasião descreveremos o funcionamento d'esta curiosa machina administrativa, tão differente de tudo o que nós imaginamos. Agora basta-nos ver como a liberal Inglaterra, a Inglaterra parlamentar banio quasi de toda a parte o principio ele-

ctivo. Os conselhos do governo são nomeados pelos governadores. Existe na India Inglesa o principio que o sr. Julio de Vilhena quiz introduzir no nosso código administrativo ultramarino—o da participação de individuos que não pertençam ao funcçãoalismo nas resoluções dos corpos deliberativos das provincias, mas esses membros dos conselhos não funcionarios são nomeados comtudo pelos governadores.

Tambem vemos que, apesar da importancia enorme que tem na Inglaterra o parlamentarismo e da importancia dos interesses que se podem agitar na India, o ministro tem, com relação ao parlamento, uma notavel liberdade de acção. O seu parlamento, parlamento ainda assim quasi meramente consultivo, é o conselho de governo. E' que a Inglaterra segue em geral o systema de exigir ao poder executivo a maxima responsabilidade, mas de não coarctar a acção livre do governo.

Não pensamos em aconselhar a applicação d'estas regras, d'estes principios á administração portugueza. Cada paiz deve ter as leis consentaneas com a sua indole, e as leis de Inglaterra sobretudo são inapplicaveis a qualquer outro paiz. E' curioso conhecer comtudo os principios de administração colonial ingleza para destruir um grande numero de idéas falsas que a esse respeito vogam.

PINHEIRO CHAGAS.

CONTO DE MAIO

Havia já um mez que as janellas de Luiza permaneciam cerradas. O canario não saltitava na gaiola, nem respondia aos trinos do rouxinol do terceiro andar. As flores tinham emurchecido nos vasos da sacada, saudosas da loira e gentil creatura que costumava cuidar d'ellas, pela manhã e á tarde, com desvelado carinho.

Henrique entrou precipitadamente no seu quarto de estudante. Depoz sobre a banca de trabalho os livros e papeis que trouxera das aulas, e o seu primeiro cuidado foi chegar á janella. Era quasi sol posto.

—Ainda não!...—murmurou elle com desalento, cravando o olhar investigador e triste nas janellas do predio fronteiro.

Pareceu-lhe, a principio, que as cortinas se moviam. Puro engano. Fixou a vista nas persianas, e imaginou descobrir uns olhos que o espreitavam; outra illusão do seu espirito. Deteve-se a examinar minuciosamente os vasos de flores. Pareceu-lhe que a madresilva, na vespera, estava collocada do lado esquerdo, e os cravos á direita. Teria *ella* vindo regal-os? Mudal-os-hia de poiso? Com o olhar insistente, queria comparar, recordar... Mas não, elle enganara-se. A madresilva e os cravos haviam permanecido sempre no mesmo sitio onde os estava vendo.

—Morreu, de certo! E eu que a amava tanto!...

Era já noite; os candieiros de gaz estavam accesos. Nas sacadas da vizinhança varias senhoras da classe burgueza trocavam sorrisos e cumprimentos. Henrique ia já retirar-se para dentro, quando ouviu, do segundo andar do seu predio, bradarem para a «vizinha do canario» que era como conheciam no sitio a moradora do terceiro andar do predio fronteiro:

—Então a Luisinha, a filha do brasileiro, não escapa?

—Tanto não direi, mas está realmente muito mal. Pobre menina!

—Ora vejam lá de que serve a fortuna! Quando a morte chega, tanto leva os pobres como os ricos!

—E' verdade! E esta era filha unica; devia herdar uma fortuna enorme quando lhe morresse o pae!

Henrique fechou violentamente a sua janella; conservou-se um momento de pé, no meio do quarto, como que fulminado, e atirou depois comsigo para um sophá, onde permaneceu por largo tempo, inconsciente e immovel, com os cotovellos fincados nos joelhos, e a cabeça em fogo apoiada nas mãos.

N'aquella noite até á manhã do dia seguinte não se apagou a luz no seu quarto. O pobre moço conservou-se sempre de vela, ora fumando, ora escrevendo, n'uma carteira de lembranças, o que elle chamava *Diario de um triste amor*.

N'essa mysteriosa carteira liam-se trechos como este:

«DIA 20. — TRIBULAÇÕES (Apontamentos em prosa para compor uma elegia em verso, quando tenha tempo e esteja disposto a isso)— Chegou enfim o mez de Maio. Eil-o, sorridente e formoso, com as suas promessas de flores. O ceu tem apenas um tom: o azul. N'esse limpido azul sorriem milhões de estrellas, mas a minha não está ali. Procuro-a, procuro-a avidamente; mas existe ella, porventura? Terá alguma vez existido? Se acaso já brilhou, as suas derradeiras scintillações fôram sinistras; serviram apenas para accender no meu coração o amor, esse desespero divino que cresce no peito humano e o despedaça. Maio! Maio!...

Eu sinto perpassar pela minha frente, beijando-a, uma onda d'ar tepido e perfumado. Sinto que me acariciam as brisas do

Meio-dia, suspiros da minha patria, calidos alentos que me trazem raios d'aquelle sol, aromas d'aquelles vergeis, rumores d'aquelles rios, echos d'aquellas canções, um não sei quê, que me enlouquece e transtorna, alguma coisa que põe em mim doces melancholias. E no entanto, amo; amo d'amor que soffre, d'amor que me mata e esmaga o coração;—para mim, o mez de Maio não tem flores, nem sol, nem aromas, nem brisas, nem melodias. O meu amor é triste como a morte. Vestir-se-ha de branco este pobre coração? *Ella* é para mim como Deus e mais que o proprio Deus, porque n'ella creio, com ella vivo e morro, por ella morro e vivo.

Ella esta doente, soffre, chora, é desgraçada, e eu estou aqui, longe; não posso enxugar as suas lagrimas com os meus labios, receber os seus suspiros, animar o seu olhar de pomba ferida com o meu olhar cheio de ternura e de fogo. Não, Maio florido, tu não és o Maio do Meio-dia, o que na minha infancia me dava calor, jubilos, flores, luz, vida, tudo. Não; tu és apenas um Janeiro hypochrita, cobrindo a tua nudez e a tua ingratidão com falsos verdores e fingidas alegrias. Vae-te depressa, vae-te! As tuas flores são as perpetuas, as flores do tumulo!

O estudante poeta, abandonou a penna, quando o sol da manhã já lhe inundava o quarto, e lançou um olhar triste para a janella da sua bem amada. Em seguida abeirou-se novamente da banca de trabalho, leu o que escrevera, e deitou-se no sophá, onde permaneceu por largo tempo, com os olhos cravados no tecto.

Decorreu um mez. A janella de Luiza abrira-se. Henrique contempla da sua janella o busto adoravel da formosa convalescente. *Ella* entretém-se em ameigar o canario, com os seus sorrisos de creança; falla-lhe, offerece-lhe os dedos, atravez os arames da gaiola, para a gentil avesinha os beijar.

Toda entregue áquelle passatempo infantil, nem sequer atenta no enamorado moço, que continúa a fital-a, a fital-a sempre.

Por fim, Henrique faz um signal, e mostra-lhe um papel... *Ella* encara-o com estranheza, e retrocedendo ligeiramente, cerra as vidraças da sacada.

O misero rapaz fica n'um estado afflictivo, como que assombrado.

Entretanto, por detraz da persiana, a gentil convalescente contemplava-o, dizendo:

—Não é muito feio, mas acho-o pobretão!

Passado tempo, a formosa Laura escrevia a uma amiga intima, a banhos na Figueira:

«Participo-te, minha querida Laura, que me casei com um homem muito rico, um banqueiro, mais velho do que eu trinta annos, calvo, feio e ciumento como um Othello. E' claro que não o amo, escusas de perguntar-m'o. Foi uma imposição de meu pae, fiz-lhe a vontade, e vivo resignada.

«Ia-me esquecendo. Na noite do meu casamento passei um mau quarto de hora. Um rapaz, nosso vizinho, estudante de medicina, lembrou-se de disparar contra si um tiro de revólver, ficando logo morto. A rua encheu-se de gente, houve um reboliço enorme. Pelos signaes que me deram do suicida, parece-me que foi aquelle rapaz de quem te fallei um dia, o mesmo que me offereceu uma carta, e que tu viste muitas vezes, olhando-me apaixonadamente. Dizem que perdeu ao jogo uma somma que lhe não pertencia, e por isso praticou aquella barbaridade. Que cabeças as dos homens! E a verdade é que não era feio!

«Adeus; estimo que te façam bem os banhos... Já recebi a minha *toilette* de Pariz... Tua, Luiza.»

Quando ouvi esta romantica e estranha narrativa dos labios d'um velho, meu amigo, perguntei-lhe com curiosidade:

—E onde succedeu isso?

—Em parte alguma; mas se não succedeu, creia que podia ter succedido. Emquanto o amor existir, ha de haver gente que morra d'amor.

NAUTILUS.

O MENINO JESUS

As Almeidas eram duas velhitas seccas e angulosas, que viviam sós com uma creada na calçada de Sant'Anna. Um gallego, fazia as compras.



O PRINCIPE BRANCOVAN



O MESTRE DE PINTURA

Ambas viúvas e sem filhos, viviam dos seus monte-pios e do rendimento de coupons e inscrições que iam comprando com as suas economias. Tinham fama de endinbeiradas e quando saiam no fim do semestre, em viagem à Junta do Credito Publico, muito tafulas na seda preta com mosquinhas amarellas dos seus vestidos *ancien-régime*, todos os olhos da vizinhança chispavam de inveja e odio.

Tinham muitos sobrinhos que as visitavam a miudo, com esse cuidado hypocrita dos herdeiros seguros.

Não se conhecia outra paixão às velhinhas, senão a devoção, o tabaco e as cartas de jogar. As cartas eram o seu código fundamental de recreações. Com ellas decidiam os casos mais embrulhados, os enredos melhor urdidos. Mais de uma sopeira da vizinhança as tinha ido consultar, sobre casos de amor e consciência. Nunca a dama d'espadas, symbolo de bulhas e ralhos certos, havia mentido. Nunca o rei de paus tinha saido, que não fosse prenuncio de pancadaria grossa.

*
* *

Uma das quadras de mais movimento em casa das Almeidas, era a do natal, com o armar do presepe. Tinham regimentos de milicias de barro. Rios de vidro com esquadras e tropa de desembarque. Campos de lavoura com pastores. O palacio de Herodes com o tyranno à janella, de grandes barbas e tunica cõr de sangue. A degolação dos innocentes. Montanhas altissimas, topeando nuvens de algodão em rama, com estrellas prateadas. Anjos e archanjos, de cothurno e saio te grego. Lojas de sapateiro e alfayate e outras curiosidades. Interiores campestres: o aldeão matando o porco no banco de carpinteiro, e a familia a segurar o bicho pelas pernas e pelo focinho; e uma creança a aparar o sangue n'um alguidar, mexendo-o febrilmente com uma colher de pau. Depois, n'outro grupo, via-se já o porco pendurado pelos pés a uma trave da cosinha; as grandes panellas de ferro ao lume, a derreter as banhas, e por fim, assistia-se à ceia da noite do gallo, vendo os laponios ebrios de felicidade e de torresmos.

Todo o presepe era salpicado de pratos de faiança, cheios de trigo grelado, com os caules verde-esmeralda.

Esta peça de cartão e barro occupava, em cima de mesas, toda a parede do fundo da sala, prolongando-se ainda pelas paredes confinantes. Havia mais sobre uma banca alta com grande toalha de rendas de linho, um soberbo menino Jesus, grande de meio metro, esplendidamente vestido de setim branco bordado a lentejoulas, com o collo coberto de grossos cordões d'ouro. Na cabeça um magnifico resplendor de prata. Da mão erguida com dois dedos levantados, pendia um relicario *mignon*, de ouro, cravejado de brilhantes.

Todos os annos era vestido de novo o menino Jesus, e variavam as cores da *toilette*, conforme a telha das devotas. O comprar a seda, setim ou velludo para o vestido, era caso para revolver a Baixa. De uma vez, que se lhes metteu em cabeça vestir o menino, de brocado, iam endoidecendo.

A camisa era de esguião de linho com espiguiha mandada fazer de proposito. O bordado a ouro do vestido, era um desenho tão complicado, que n'elle andavam a pensar durante o anno, consultando riscos, combinando silvas. E o caso não era para menos, porque tinha de ser alvo da critica de muitas pessoas que iam visitar o presepe, pela fama das suas maravilhas... estheticas.

Contrastavam com esta riqueza patricia, os pesinhos nús do menino, como era da praxe; mas as velhas, para disfarçar aquella *fresquidão* democratica, enrolavam um fiosinho de ouro a tibia divina, o que lhe dava um ar encantadoramente poetico.

Pesados castiçoes de prata, entremeados de pires de trigo verde, ladeavam o pequenino Deus, que do alto da sua peanha dourada, parecia agradecer, com os seus olhos azues e ternos, tantas atenções.

*
* *

No anno em que corre esta historia, a casa das Almeidas era, nas proximidades do natal, theatro de fadigasas luctas de palavras e de acções. O martello e os pregos resoavam por toda a parte, a gomma-arabica fazia prodigios, os novellos, as agulhas e os alfinetes consumiam-se aos montes. Mas tambem que arrebatadora *mise-en-scene* a do ensaio geral, isto é, a da vespera da noite do gallo!

Centenares de velas de stearina nas serpentinas e placas de crystal e nos castiçoes de prata, jorravam uma claridade e um calor ultra-religioso. Todos os sobrinhos, de grandes olhos arregalados, pareciam devorar os bonecos multicores do presepe, e as mães graves, e enternecidas, mostravam-se presas d'essa commoção da mulher, perante o deslumbramento do culto externo: o ouro e a luz, as flores e o incenso, que lhes inebria os sentidos.

Um bom numero de vizinhas fazia coro com a lisonja dos parentes, ao bom gosto das Almeidas. As velhas estalavam de orgulho. A sua commoção tocou as raias da prodigalidade levando-as a desrolhar uma garrafa de hortelã-pimenta, para offerecer

à sociedade. Este extraordinario rasgo de generosidade causou delirio nos sobrinhos gulosos e malcreados.

Chegou a memoravel noite da missa do gallo, e as Almeidas, como de costume, não faltaram na igreja de S. Domingos. Deixaram a casa entregue ao gallego, *honrado* cidadão de Tuy, que as servia ha 40 annos, e a uma creada, matrona de bigode e fartas carnes, que as servia ha 20.

Ambos os servos receberam ordem expressa de não se afastarem do quarto do presepe e de tomarem o maximo cuidado nas luzes.

A's 10 horas da noite, na sala das Almeidas, estava reunido o rancho dos sobrinhos, manas e cunhados. Sairam todos para a missa, não sem as duas velhinhas irem despedir-se do menino Jesus, encarregando-o tambem de velar pela casa.

—A vós entrego esta habitação, meu divino Jesus! disse a mais velha, olhando ternamente o menino impassivel.

E a outra, accrescentou:

—Que nós partamos, e que nós entremos sob a vossa santa guarda, divino redemptor do mundo!

E tendo ambas mettido a mão n'uma urna de prata, cheia d'agua benta, marcharam para a igreja, fazendo as ultimas recommendações aos creados.

A Maria da Encarnação ao voltar da escada onde tinha ido alumiar as patroas, deixou-se cair estafada n'uma cadeira e principiou uma conversa intima com o gallego, que denotava que as relações d'elles eram mais estreitas do que se poderia suppor.

A creada allegou que tinha trabalhado muito durante o dia e que estava farta de lidar. Que já era tempo de descançar. Que se sentia velha e que o seu futuro seria certamente no asylo, por isso que aquellas velhas já estavam com os pés para a cova e que não esperava que lhe deixassem nem um colchão no testamento, porque eram umas unhas de fome.

—Os marmanjos dos sobrinhos é que veem comer tudo, resmungou o gallego.

A conversa entre os dois continuou n'esta afinação. A maneira que a Maria fallava, o seu rosto e o do seu companheiro, assumiam uma expressão sinistra. Subito, ella eigueu-se e foi buscar uma garrafa de vinho e dois copos.

Os olhinhos garços do gallego brilharam. N'aquella idade, só bate o coração por vinho e dinheiro. Por entre os copos de vinho, combinaram um plano tenebroso. Quando se esgotou a garrafa, o gallego estava com a ponta do nariz rubicunda. A creada, então, pondo lhe a mão sobre o hombro, disse:

—Vamos.

Levantaram-se e aproximando-se do menino Jesus, que os encarava com o seu eterno sorriso nos labios carminados, arrancaram-lhe brutalmente o resplendor da cabeça, os cordões d'ouro e o relicariosinho de brilhantes, que o gallego guardou. Em seguida, dirigiram-se os dois para o quarto da cama das senhoras, como a creada chamava às patroas.

A Maria, com o punho de ferro, arrombou a gaveta da commoda. Tirou um pequeno cofre de ferro, arrombou-o tambem, e tirando de dentro massos de notas, joias, dinheiro solto, coupons, etc, embrulhou tudo n'um lenço e entregou ao gallego, que saiu furtivamente de casa, indo depositar o roubo nas mãos de uma sobrinha da creada, collareja na praça da Figueira, prevenida com antecedencia.

Trinta minutos, que pareceram à creada trinta annos, levou o gallego a voltar a casa das Almeidas. A creada esperava-o na escada, encostada à porta da rua, com o ouvido attento. Assim que elle chegou, abriu, e às escuras subiram a escada até ao primeiro andar.

Fechada a porta, a creada, com uma garrafa de petroleo e o creado com um castiçal, dirigiram-se rapidamente ao quarto da cama. A creada espalhou gotas de petroleo nas camas, nos tapetes, e depois, agarrando no castiçal, lançou fogo às camas, às cortinas e aos vestidos no guarda-roupa. Seguiu a correr para o quarto do presepe e derramando mais petroleo sobre o papelão das montanhas, lançou-lhe fogo. Em seguida, saíram para a escada e esperaram o desenvolvimento do incendio.

Tudo os favorecia. Nos baixos do predio, havia uma loja de mercearia já fechada. Nos andares superiores, os inquilinos tinham saido para a missa do gallo.

Dentro em pouco, os moveis e os tabiques estalavam, os rolos de fumo e o calor eram suffocantes. Então a Maria avançou para as janellas da rua e abriu-as. Apenas o ar fresco da noite entrou, as chammas romperam a obscuridade produzida pelo fumo e toda a casa foi presa do incendio. Conservarem-se mais tempo, seria arriscar a vida.

A Maria chegou à janella da escada e apitou com quanta força tinha. No fim de tres minutos os vizinhos apitaram tambem, sem resultado. A Maria, na janella da escada, ainda não invadida, bracejava, pedindo soccorro. Alguns populares arrombaram a porta da rua e subindo a escada salvaram a creada e o gallego.

Chegaram as bombas, que se limitaram a salvar o predio contiguo. Do predio incendiado só restavam as paredes.

Quando as velhas saíram da missa do gallo e subiam tranquillamente satisfeitas, no meio dos parentes, a calçada de Sant'Anna, encontraram-se com as bombas que retiravam. Uma phra-



NO BALOUÇO

e cruel de um popular para outro, fel-as parar estarecidas. Essa phrase era:

—As velhas nada tinham no seguro!

—Ai maná! exclamou a tremer violentamente a mãe velha.

E logo a outra velha, agarrando febrilmente o braço de um bombeiro, que passava muito encharcado perto d'ella, perguntou-lhe com um olhar medonho:

—O que foi que ardeu?

O bombeiro respondeu promptamente:

—Foi a casa das velhas Almeidas, ali acima, na calçada de Sant'Anna.

A velha, largando o bombeiro, ergueu as braços e caiu redondamente morta com uma apoplexia fulminante.

Aos gritos dos sobrinhos, acudiram os transeuntes.

Levado o cadaver para uma casa da vizinhança, a outra velha aproximou-se d'elle; examinou o longamente e voltou-se para os circumstantes, pondo o dedo na bocca e murmurando:

—Não façam bulha, que é o menino Jesus que está dormindo.

A infeliz tinha enlouquecido.

JO: É MARIA DA COSTA.

OS EXCENTRICOS DO MEU TEMPO

Dois Mercurios

A mythologia conta cinco Mercurios, quatro de pouco mais ou menos, e um só verdadeiro, por signal filho de Jupiter e de Maia, creatura que parece não ter sido de um comportamento exemplar.

O verdadeiro Mercurio era tido como o deus da eloquencia, do commercio, dos ladrões, e mensageiro dos deuses, nas horas vagas, sendo este officio o seu grande titulo de gloria. Os outros empregos d'elle eram simples commissões, que o marido de Maia accumulava com os proventos das suas corretagens amorosas.

Os meus dois Mercurios chamavam-se, vou-lhes dizer os nomes para seu castigo, um Luiz das Neves, e o outro Guimarães. O primeiro estanceava á porta do Café, chamado do Martinho; o segundo fazia sentinella ao Marrare das sete portas, na rua do Arco do Bandeira.

Erão ambos velhos, e rasoavelmente antipathicos. O Guimarães era um homem mal trajado, andando sempre a correr, como o seu homonymo da mythologia, apesar de não ter asas nos pés, antes trasendo calçadas umas pesadas sapatas que lhe roiam os artelhos. Tinha uma cara deslavada o Guimarães, e não havia forças humanas que o obrigassem a contar os seus principios, naturalmente por serem tão pouco honestos, com a profissão que no momento exercia. Lia mal, mas o bastante para não errar os numeros dos portas das suas clientes, e poder decifrar, soletrando, os recados que ellás lhe mandavam á ultima hora.

O collega, o Luiz das Neves, era outra coisa. Baixo, magro, de cara rapada, sempre com o casaco abotoado até ao pescoço, dizia-se antigo voluntario do exercito constitucional, mas tudo me leva a crer que o homem mentia como um pérrro, não sendo natural que um companheiro d'armas do duque da Terceira descesse a folgar na taberna... sem beber n'ella.

No tempo a que me refiro as deusas que povoavam o Olympo, de que a rua do Arco do Bandeira era apenas uma succursal, usavam ainda o antigo traço nacional, o absurdo capote e lenço, não permitindo aos amadores do genero descortinar as formas das Venus que se pavoneavam no chavascal do passeio publico, ou faziam de uma burricada na Outra-Banda o seu divertimento predilecto.

Era pois necessario que os dois Mercurios, não podendo imitar as façanhas que a fabula lança á conta do filho de Jupiter, se contentassem em descrever os encantos occultos das illudidas que recorriam á loquella dos dois furavidas, para se pôrem anticipadamente em evidencia.

O mais tagarella dos dois patifes, era o Guimarães. Jurava por fé nos complicados assumptos sobre que era consultado, carregando as tintas de modo, que muitas vezes os originaes dos seus retratos eram simples ficções, nascidas no cerebro ultra-poetico do pintor.

As suas exagerações descriptivas valiam-lhe a miudo correctivos que o pobre diabo recebia com humildade, desculpando-se em dizer que das proprias interessadas recebera as informações.

O Luiz das Neves a ser verdade que tivesse assistido ás batalhas d'Almoster e de Ponte-Ferreira, tambem conhecia por experiencia os osos do officio, e antes se queria a braços com os miguelistas, dizia, do que ver-se exposto ás gebadas dos descontentes das suas nem sempre limpas corretagens.

Crém os musulmanos, que os homens nascem já predestinados, e que os impelle um invencivel fatalismo. Que porca predestinação a do Guimarães, e do Luiz das Neves?

Predestinados a alvoroçar corações, e impellidos pela fatali-

dade a aproximarem os sexos, a cultivarem ciumes, a encommodarem os cabos de policia, a serem comparsas nas grandes tragédias do amor!

O primeiro dos dois que deu a sua missão por finda cá n'este mundo foi o Guimarães, farto de subir escadas, e de apanhar relictos, e quem sabe se chorado por uma ou outra das suas clientas, que, por excepção á regra geral, tirasse resultado da agencia do seu encarregado de negocios... e ministro plenipotenciario.

Desafrontado do seu rival, o Luiz das Neves rejuvenesceu, e fazia alarde em contar que o collega fôra levado na tumba da Misericordia, e que na pocilga em que morrera, n'um dos beccos escuros da Mouraria, se lhe não encontrara coisa digna de ser inventariada.

Só em praça, e protegido pelo governo civil, como elle affirmava a quem o queria ouvir, o Luiz das Neves, alargara a área das suas explorações, não roubando a lyra d'Apollo, nem matando o guardador da vacca Io, mas travando conhecimento com algumas comparsas e dançarinas de S. Carlos, nobilitadas pela arte, e tendo sobre as suas competidoras a vantagem... de serem vistas de longe.

Se bem me recordo o Luiz das Neves ainda sobreviveu uns dez annos ao Guimarães, uma decada, de que nenhum Tito Livio se aproveitou antes de mim, e que eu não posso preencher sem erro, alheio ao curso natural dos mysterios nocturnos que elle enredava, e desenredava, com uma pericia digna... da Penitenciaria.

L. A. PALMEIRIM.

A SOCIEDADE DE S. PETERSBURGO

Salões e perfis—
Alta sociedade moscovita

CARTA XVIII

A sociedade de S. Petersburgo é dividida em dois grupos:

O primeiro comprehende as mulheres de trinta a quarenta annos, ainda formosas, ou vivendo no rasto da sua extincta belleza; o segundo é composto de um enxame de raparigas, que não fazem senão imitar as primeiras.

Assim como cada instituição tem um protector ostensivo, da mesma forma a alta sociedade de S. Petersburgo tem uma protectora, uma mãe nobre, que faz a chuva e o bom tempo, que preside ao seu destino e que pronuncia sentenças definitivas, relativamente ao destino d'aquellas que aspiram a encorporar-se no creio d'essa sociedade.

A princeza Izabel Bariatinsky, conhecida de todos, mesmo dos cocheiros de fiacre, sob o nome de princeza Betsy, é o supremo arbitro da sociedade russa.

Foi ao seu influxo que se crearam um sem numero de reputações, e que muitas pessoas saíram da obscuridade, onde deveriam ter sempre permanecido.

A sala da princeza tem sido por espaço de muitos annos, e é ainda o *rend z vous* de todas as elegancias.

A admissão para essa sala equivale a um favor singular; aquelle que o alcança tem o seu futuro certo, no que diz respeito á sua situação na sociedade.

A princeza Betsy é uma das mulheres cuja existencia pertence exclusivamente á sociedade.

A princeza sabe atrahir tudo que brilha pela belleza, pelo espirito, pelo nascimento, pela riqueza ou pela elegancia.

Vai-se a casa d'ella, porque é de bom tom evidenciar o direito que se adquiriu a fazer parte do grupo dos seus amigos.

Frequenta-se tambem essa sala, porque é certo encontrar-se nas recepções da princeza alguns membros da familia imperial e muitos personagens, mais ou menos influentes, porque se espera trocar ahí palavras, e talvez promessas, com pessoas que não é vulgar frequentarem-se na intimidade.

Em casa da princeza Bariatinsky, tudo se passa por assim dizer em familia; os seus saraus são, entre todos os que se dão em Petersburgo, aquellos onde se falla mais e se conversa menos.

Desde a sua viuvez, a princeza preside a esses saraus com um singelo vestido matinal, sem que por esse facto as senhoras que se apresentam na sala da princeza Betsy deixem de ostentar toilettes riquissimas.

N'isto, como em tudo, a princeza Betsy segue um plano de antemão traçado, não procedendo senão em seguida a ter longamente reflectido.

Depois de ter sido uma rainha da moda, a princeza só aspira a ser uma soberana da sociedade, e a pronunciar sentenças, que ninguem ousa refutar.

A princeza alimenta ainda outra ambição, a de obter um posto elevado na corte.

A princeza Betsy é uma d'estas mulheres que não se cur-

vam nunca, nem renunciavam a um projecto, senão aparentemente, trabalhando sempre em segredo para alcançarem a mira da sua ambição.

A princeza Bariatinsky não é o que se chama uma mulher de espirito; mas é tão habil, no que diz respeito á sciencia mundana, que dispõe de todos os repentes, de todos os artificios da conversação, por modo a não se poder discriminar o que ha n'ella de verdadeiro, ou de pretencioso e falso.

A princeza sabe admiravelmente explorar, em seu proveito, as fraquezas do proximo, e possui em subido grau a arte das *nuances*.

A sua vida passa-se a ir ao baile, a fazer *toilette*, a organizar festas e a apparecer em todas onde é solicitada.

Desejando conciliar as boas graças da gran duqueza Vladimiro, a princeza introduzio na sua sala o jogo da roleta, divertimento predilecto da gran duqueza, e assumpto de acerbas criticas por parte das pessoas de idade e das mães de familia.

A mocidade russa adoptou com enthusiasmo este passatempo, que se não fosse protegido pela princeza Betsy, nunca teria penetrado nas salas de Petersburgo.

A princeza é menos indulgente do que se nos afigura á primeira vista: não diz mal de ninguem, mas deixa os outros dizerem.

Os labios estreitos, finos e contraídos da princeza Betsy, marcam, para o observador, o distinctivo do seu character; são reveladores!

A princeza Bariatinsky é auxiliada, no seu papel de dona de casa, pelas suas filhas e pela sua nora.

Esta ultima, Nelly, como lhe chamam na intimidade, é uma soberba creatura, de formas esculpturaes, de rosto intelligente e fino e de maneiras sem cerimonia.

O modo de ser da princeza Nelly, é d'aquelles que nenhum marido quizeria ver em sua mulher.

Algumas circumstancias tristes, occorridas na existencia da princeza Nelly, impelliram-a para o caminho que segue, onde a critica a fere não poucas vezes.

A princeza soffren muito, depois do que procura esquecer e consolar-se. É uma pessoa que podia ser notavel, mas que suffocou a sua intelligencia sob o jugo de uma vida banal e futil.

A princeza Nelly conta na sociedade de S. Petersburgo um numero, pouco mais ou menos igual, de amigos e inimigos. É tão notoria a sua situação, que o publico segue cada uma das suas acções e observa os seus factos e gestos com uma persistencia, e não é nada vulgar em S. Petersburgo.

A princeza acceitou carajosamente a sua sorte; pouco lhe importa o que se diz, o que é uma maneira, como outra qualquer, de fechar a bôca aos maldizentes.

Ignoro se a princeza Nelly agrada a toda a gente; o que posso asseverar é que os homens acham-a irresistivel.

A verdade, porém, e que me inspiram um desdem invencivel as mulheres que teem sempre um charuto na bôca e um baralho de cartas nas mãos; mesmo quando me agrada a sua conversação, nem por isso deixam de desafinar-me os nervos esses dois habitos de caserna.

(Continúa)

CONDE PAULO DE VASILI

De um argueiro um cavalleiro

Quando o dia acaba para muitos, para outros ainda se pro longa até bem tarde. Pois, quasi todas adormece, mas n'alguns pontos ainda a luz brilha por muitas horas.

Aqui, uma fila de espelhos reflecte as scintillações dos lustres que animam os esplendores de um baile; além, dois bicos de gaz illuminam as vidraças do gabinete onde ceiam D. Juan, Celi-méne e Marton, recém-chegados dos bastidores. Mais acima, nas aguas furtadas, fulge, como uma estrella, o vidro da candeia do poeta ou inventor que procuram: um a estrophe, outro o movimento. Um pouco abaixo a lamparina do quarto de uma pobre mãe inquieta, ou de dois esposos, ainda accordados, prateia com os seus raios pallidos e frouxos os vidros d'uma janella.

Effectivamente no meio das trevas destacava-se, na avenida Villiers, a vidraça de um quarto muito elegante, em frente ao qual corre uma bem trabalhada varanda. Esta vidraça assemelhava-se á tampa esmaltada d'um cofre cinzelado, onde, em penumbras mysteriosas, se occultava entre ondas de seda e nuvens de rendas, um delicioso quarto de dormir—verdadeiro ninho de noivos. Lá dentro rivalisavam a opulencia e a arte, e n'esse cantinho de céu, cheio de amor, só havia logar para as palpitações de dois corações, para o ciciar de dois beijos, para o eterno expandir de duas venturas primaveras.

Soava meia noite, quando estas duas venturas primaveras entraram no delicioso quarto de dormir, e a modesta lamparina teve de acceitar por companheira a luz de um orgulhoso cande-

labro. Ao pallido e indeciso clarão succedeu a brilhante claridade, illuminando um par encantador em trajes de baile, e que, unido havia oito dias, pelos laços do matrimonio, como as pombas dos trenós Luiz XVI pelos laços de fita, devia, ás sete horas da manhã, atirar a sua lua de mel para dentro d'um expresso italiano.

O barão Alfredo de Valciel e a baroneza Laura de Valciel tinham-se visto obrigados a acceitar ainda um baile de etiqueta, menos para a senhora que ia desaparecer, como a gata borralheira, ao cair da meia noite, seguida do joven principe, seu marido, mais amoroso do pé que do pantufo.

O sr. de Valciel era um trigueiraço, de maneiras distinctas—cuja mão, olhar e espirito deixavam adivinhar a origem aristocrática. A sr.^a de Valciel era uma esbelta e formosa loira, arrancada, na semana anterior, ás canduras da sua idade e á timidez de convenção, possuidora d'uma bocca d'uns olhos e d'umas sobrelhas desenhadas em arcos flexiveis.

Por enquanto apenas tateavam as encantadoras difficuldades da aprendizagem conjugal. Pôr-se em guarda, estar alerta, conservar-se na defensiva, era o trabalho de todo o dia; mas, á noite, geralmente, havia muitas concessões de parte a parte—e isto de uma maneira a mais encantadora.

Como dissemos, soava meia noite e os dois jovens esposos acabavam de recolher a casa—o rosto ainda afogueado pela embriaguez da valsa, pelo calor da sala, etc. Entretanto, uma tal ou qual preocupação tinha acabado por demorar-lhes as palavras nos labios e ás phrases succediam os monossylabos preocupados. Teria sido demasiadamente bella, a senhora? Demasiadamente espirituoso, o senhor?

Deante d'um fogão bem ateado e bem consolador, allumiada em cheio pelo candelabro—a sr.^a de Valciel recostou-se n'uma poltrona que inundou de rendas e de setim. O sr. de Valciel sentou-se em frente para a admirar, porque ella, n'aquella noite, tinha alcançado um verdadeiro triumpho—não de formosura, nem de encantos, como de ordinario, mas de penteado. Com effeito, tinha cedido á tentação de uma moda completamente nova. Até então, penteada simplesmente *à la vierge*—o toucado dos rostos irreprehensiveis—não foi ella ter, n'aquella noite, a phantasia de arvorar—*os caracoes compridos*? Porque não? mas, um tanto discreta, apresentou só um caracol. Aquelle lindo saca-rolhas de ouro, caindo sobre a alvura da sua bella espadua esquerda, ficava-lhe a matar e tinha feito maravilhas. No baile não se via senão o caracol da sr.^a de Valciel e não se fallava senão d'elle. Os homens tiveram em seu louvor as phrases mais delicadas, as mulheres vibraram, a seu respeito, os sorrisos mais afiados.

Seria por causa de todo aquelle espirito e de toda aquella inveja, que o sr. e a sr.^a de Valciel se achavam em face um do outro silenciosos—embaraçados mesmo? Assim o julgariamos, se o barão não tivesse emfim rompido o silencio, e fallado d'este modo:

—Estavas adoravel, Laura!

—Disseram-me isso bastantes vezes, mas não o acreditei! Visto, porém, que és tu que m'o repetes, creio-o agora.

—Agradeço ao velho diplomata, o sr. de Burty. Esse era um dos que em voz alta mais apregoava o seu enthusiasmo por esse caracol, desligado dos teus cabellos louros.

A sr.^a de Valciel fez-se vermelha como lacre.

—Oh! não me falles d'esse adorador. Era escandaloso o cheiro de charuto em que estava enfrascado, e o meu olfato era forçado a receber-lhe os madrigaes, primeiro do que os meus ouvidos.

—Oh!... repetiu sem acabar a phrase, o sr. de Valciel, com um sorriso forçado.

—Bem sabes que tenho odio áquelle cheiro. Assim deve succeder a toda a mulher bem educada. Pelo menos, uma amiga do collegio confirmou-m'o. Não me fizeste tu o sacrificio dos teus antigos e queridos habitos? E não queimaste por grosso, o que queimavas por miúdo—os teus cigarros? Eis-te convertido...

—Convertido muito draconianamente, minha querida—convencido, não.

—Ah! bem me parecia que voltavas á mesma, surrateiramente. Quantas vezes tenho percebido uns aromas de impenitencia?

O sr. de Valciel viu que destilava para uma conversação perigosa, e mudou de rumo. Transigir é a melhor estrategia conjugal.

—Vae sendo tempo, baroneza, de tirares o teu arnez de combate. Lembra-te de que havemos de partir de madrugada, d'aqui a seis horas e tres quartos.

—Nem uns minutos me perdôas? pergunteu ella.

—Esses minutos de indulgencia não estão previstos no horario. Toma cuidado!

—E não te parece tambem que vai sendo tempo de ires para o teu *toilette*? Era talvez um bom exemplo para mim.

—Pois sim... respondeu o marido. Mas... só dois minutos!

—De indulgencial?... Olha o horario!...

—Não, dois minutos de prorogação. Estás assim tão seductora, que, devéras, não tenho coragem de te ver despojar das tuas azas de mundana.

—Olha que é tarde, e, d'aqui a seis horas e meia... Os porteiros caminham. Depois uma mulher em traje de baile—quando



MOURAS DO SENEGAL

se despe, precisa de todos os logares em roda de si. Este quarto é tão pequeno, que te convidou a que m'o cedas todo inteiro por alguns instantes, se não queres ser submergido por um dilúvio de saias, rendas e laços.

—Parece que estás afflicta, minha querida baroneza e que procuras affastar-me. Quererás tu ler algum bilhetesinho amoroso do teu apaixonado Burty? Ah! quantas cabeças perturbou esta noite o teu caracol!

A' palavra caracol, a sr.^a de Valciel sentiu que o rosto se lhe cobria de tres camadas de vermelho.

—Serás tu ciumento, e tão cedo? arriscou ella meigamente: Ah! está um capricho de penteado que me pode ter custado bem caro. Permites agora á heroina do baile que se torne em tua simples mulher? Bem sabes que já não temos senão seis horas e um quarto.

—Exactamente.

O barão, n'um relance, viu as horas no mostrador de esmalte azul.

—Então?

E a sr.^a de Valciel lançou um olhar supplicante para a porta.

—Decedidamente, não desistes. Pois bem, deixa-me o prazer de ver desenrolar-se e cahir em ondas o teu magnifico cabello...

—Para que? Talvez então te pareça horrenda—sem o caracol, que tanto te está agradando, e que necessariamente tem de voltar para a sua trança materna.

—Enganas-te; adoro essa nuvem de ouro. Ah! como ella seria incomparavel atravez do fumo d'um cigarro—um raio do sol atravez d'uma nuvem!

—Alfredo, tens esta madrugada a alma cheia de preversidades hypocritas! E o tal cigarrinho... Tu dás ouvidos ás tentações?

—Laura, tu premeditas, esta madrugada, grandes maldades! e de proposito... Terás tu dado ouvidos ao tentador?

—Sejamos francos, de Valciel. Cartas na meza! Tu ardes em desejos de me pedir alguma cousa muito delicada? Eu sou generosa, experimenta.

—Confessa pela tua parte, minha querida, que a minha presença te incommoda, e que uma confissão qualquer está a soltar-se dos teus labios? Eu sou generoso, confessa...

—Bem sei, estás a morrer por acender um cigarro, não é verdade?

—Repito, atravez do fumo, havias de parecer-me dez vezes mais bella. E por menos *coquette* que sejas...

—Devia condescender. E se condescendesse?

—Poderia então pela minha parte ouvir as tuas revelações; porque é impossivel não tenhas, ao menos, uma que te está puzando. Advinho-o ao ver o teu embaraço, uns certos gestos vagarosos um certo tremor nos teus dedos, nas tuas palavras, no teu seio. Falla!

—Oh! E' que é muito difficil de dizer.

—Dize sempre. Depois veremos!

—Primeiramente, accende o teu cigarro, porque já advinhei tambem que tens ahí um estojo cheio de *malicias*. Bem te tenho visto comprimir o peito com a mão, como se te preparasses para cantar uma aria. Assim tornar-te-has mais indulgente.

—Mas, querida baroneza, tu assustas-me. Começo a ter medo.

E o barão approximou de uma das velas do candelabro um cigarro enrolado em papel côr de rosa, e enbalsamado pelo *latahié* oriental.

—Não te assustes. Trata-se apenas de um pequeno embute.

—Como?

—Oh! muito pequeno, pequenissimo.

A pobre senhora estava escarlate, agitada, f'ira de si. El'e—atravez d'uma nuvem de fumo—contemplava-a maravilhado, sem grande inquietação apezar de aguilhoado por alguma curiosidade.

—E depois? interrogou.

—Jura-me primeiro, Alfredo, que não me has de ralhar muito, e que me perdoarás depois sem reserva?

—Juro, minha filha. Mas avia-te; é n'estes momentos que os maridos geralmente matam as[mulheres! Não me dás tempo para...

—Oh! não! não. Eu não me atrevo a dizel-o; r'as olha:—Aqui tens!

E, rapida, a encantadora baroneza levou as duas mãos ao caracol tão deliciosamente louro, tão languidamente frizado, e—zás—o caracol despregado cahiu sobre a pedra do logão. Quem tal havia de dizer?! Aquelle caracol estava apenas habiemente pregado—Tinha seduzido todos, mas tambem tinha illudido todos.

A sr.^a de Valciel, confusa, escondeu immediatamente o rosto entre as mãos. Esperava o perdão—visto que Alfredo l'io tinha jurado. O marido não encontrou phrase melhor do que uma gargalhada. A joven criminosa levantou lentamente a cabeça: acreditava n'um verdadeiro sermão, grave, cathorico, enfadonho. Por qualquer palavra duvidosa sua mãe era imbecavel! O que faria um marido—e por um falso caracol de cabello? Olhou fixamente para Alfredo, surprehendida—mas com o sorriso nos labios. O sr. de Valciel contemplava-a em ar de m'lti, vendo ondear um circulo de fumo ao redor da cabeça da sua esposa.

—Baroneza disse elle, este circulo de fumo é a aureola azul sob a qual tu me pareces o anjo seraphico da candura. Esse caracol postigo é um crime só para os desgraçados a quem deu volta ao miolo no baile. Francamente dava-te uma certa physionomia de parisiense desenvolta, em quanto que os teus bandós fazem-te um rosto de virgem adoravel e o que é muito mais:—adorada!

—Juro-te que não usari mais caracoés, nunca mais, e permitto-te que fumes sempre. Tambem eu fui enganada pela minha amiga. Este cheiro não me é tão odioso como imaginava. Pelo contrario...

—Muito obrigado, minha querida, por ambas as cousas. Esta noite era quasi o mais feliz dos homens; só me faltava um cigarro para minha completa felicidade. E aqui tens porque eu recolhia do baile, pensativo, carrancudo talvez. Perdão!

—Exactamente como eu para te affastar por um momento, a fim de despregar, sem ser vista, este maldito caracol. Perdão! Eramos dois infelizes, e por bem pouco! Alfredo!

—Effectivamente, baroneza, de um argueiro faziamos um cavalleiro. E repara, são duas horas; só nos restam cinco para nos reconciliarmos, dormir e partir.

AIMÉ GIROU.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

CHARADAS EM VERSO

Creia, não é meu intento,
O querer, por esperteza,
Enganar;
Não, senhor, quem fôr attento,
Decerto villa franceza.
Hade achar.—1

Foi morto aleivosamente,
D'Armenia este soberano,
E á traição;
Fim cruel e deshumano
Deve-o a um seu parente
Um irmão!—2

Vou terminar de maneira
Que fique bem explicado,
Ao leitor,
Que encontra na derradeira
Um pronome muito usado,
Sim, senhor.—1

Sem coisa alguma alterada,
Juntem-se os termos dispersos,
E verão
Que sendo elles tão diversos,
Juntos dão, n'esta charada,
Per'nissão.

Dizem que é primeira,—1
Nota musical.—1
Sendo tambem villa
Cá de Portugal—2

O leitor encontra
Sitio sombreado,
No qual se passeia
Com extremo agrado.

MATHEUS JUNIOR.

(A J. C. Monteiro Torres)

Da charada, caro amigo,
a prima parte garante
ser um j go, e até digo,
á paciência semelhante—1

Na segunda não te tólhas;
mais facil inda não houve:
existe em todas as folhas,
pertencen lo mesmo á couve—2

Visto que o dever me impelle
ao conceit, sem me oppôr,

vou fazel-o promptamente.
 Todo o padre de Cybele
 rufava em certo tambor
 Do nome d'esta serpente.

Leiria.

M MONTEIRO JUNIOR.

Logogripho

A Matheus Junior e R. de Miranda (Robinson)

Ouvi... e passo a crer que na mythologia.—3, 7, 2, 16,
 Existe um Deus igual ao nosso—Verdadeiro—9, 8, 3, 14, 4, 7.
 Que enorme admiração! Que grande esta alegria!—6, 14, 13,
 17, 3, 14.
 Ao ver que o nosso Deus já tem um companheiro.—6, 13, 14, 3
 10, 8, 9,

Tambem já concordei, que tem muita valia,—6, 14, 3, 11, 5, 16,
 17, 16.
 D'esta terra ha-de ser em breve o padroeiro;—2, 9, 15, 14, 12, 13,
 E na bella cidade onde elle viu o dia,—1, 13, 8, 14, 5, 13
 Ha-de trazer consigo um outro Deus-Dinheiro.—1, 14, 9, 11, 15,
 7, 17, 16.

Tambem ouvi dizer e foi a um janota,
 Um typo de bom tom. Talvez seja idiota?
 Que é mentira existir um tão grande ser.

Mas eu tenho p'ra mim e já muito arreigado
 Que não somente existe o ente em que hei fallado
 Mas que resume em si tudo que é poder!...

Covilhã

ANTONIO R. BRANCAL

Problema

Dividir qualquer multiplo de 121 por este numero, fazendo só tres subtracções.

MORAES D'ALMEIDA.

Enigma

(A João dos Reis Castiço)

<p style="font-size: 2em; margin: 0;">K</p> <hr style="width: 50%; margin: 5px auto;"/> <p style="font-size: 2em; margin: 0;">K Z A</p>

Covilhã.

A. R. BRANCAL.

Decifrações

DA CHARADA EM VERSO.—Cochicho.
 DOS LOGOGRIPHOS.—Lisboeta—Regata—Masrasquino.
 DO ENIGMA:—Valverde.

A RIR

Entre senhorios:
 —Eu—dizia um—confesso que se me aperta o coração,
 quando sou forçado a pôr no meio da rua os moveis d'inquilinos
 que não pagam a renda.

—Pois eu—respondeu ingenuamente o outro—nunca chegou
 a esses extremos; contento-me em ficar com os moveis.

*

Um capitalista, muito conhecido pela sua avareza, comprara
 um predio por 20:500\$000. Já ia a retirar-se da casa do vende-
 dor, quando, voltando-se de repente para aquelle, lhe perguntou
 com a maior ingenuidade d'este mundo:

—Diga-me cá; o senhor não podia deixar ficar o predio pe-
 los 20:000\$000?

—O negocio já está fechado.

—E' que tenho de communicar pelo telegrapho a compra,
 e... era uma palavra de menos!

UM CONSELHO POR SEMANA**REMEDIO CONTRA AS DORES DE DENTES**

A tintura de benjoin é geralmente empregada contra as dores
 de dentes. A resina é precipitada pela saliva e isola do contacto
 do ar a cavidade cariada. Entretanto, pode-se substituir com van-
 tagem a tintura de benjoin pelo collodion.

O ether, evaporando-se, anesthesia as ramificações nervosas
 e em virtude d'esta evaporação, forma-se uma camada isoladora
 sobre o dente.

IMAGEM DA VIDA

(DE MADAME CASTU)

Junto ao rio, perguntava
 uma creança p'r'a mãe,
 se aquella agua que passava
 outra vez não regressava
 subindo a margem tambem?
 —Não, meu filho, vae perdida
 para nunca mais voltar,
 e no final da corrida
 cae no infinito, no mar.
 Assim, em voltas redondas,
 em saltos e em correrias,
 retrata o curso das ondas
 a imagem dos nossos dias.

GERMANO VENDRELL. trad.

AS NOSSAS GRAVURAS

O BRIGADEIRO VILLACAMPA

Este distincto militar, por cuja sorte a nação hespanhola tan-
 to se interessou ainda ha pouco, foi sempre um soldado valente e
 um homem dignissimo. Isso desculpa, em parte, o erro que pra-
 ticou em setembro ultimo, pronunciando-se contra as instituições
 do seu paiz, erro que podia ter-lhe custado a vida, se uma rainha
 clemente e bondosissima não estivesse assentada no throno de S.
 Fernando, e se uma creatura angelica—a filha do desditoso mili-
 tar—não houvesse iniciado em favor d'este uma campanha sym-
 pathica, abalando com as suas lagrimas o coração da Hespanha e
 da Europa inteira.

Conforme já aqui dissemos, o conselho de guerra condemnou
 Villacampa a ser passado pelas armas, como traidor á patria;
 mas a rainha D. Christina, em nome de seu augusto filho, com-
 mutou-lhe aquella pena na de degredo, não querendo manchar
 com sangue o berço d'Affonso XIII.

Bem haja a sympathica soberana.

O PRINCIPE BRANCOVAN

O principe Gregorio Bibesco Bassaraba de Brancovan, recentemente fallecido em Paris, nascera a 24 de dezembro de 1827, e descendia dos Hespajars da Valachia, de quem era o herdeiro.

A carreira do principe Gregorio, embora modesta, não deixou de ser notavel. Tendo entrado para a escola militar de Saint-Cyr em 1874, o principe seguiu brilhantemente os cursos d'aquelle estabelecimento, e passou, dois annos mais tarde, para a escola d'Estado Maior.

A 16 de fevereiro de 1860, o imperador d'Austria reconheceu-o principe austriaco. Desde então, Gregorio de Brancovan começou a fazer parte do exercito imperial, e era ajudante de Campo do general Coronini, quando os austriacos entraram na Roumania, prestando, n'esta qualidade, grandes serviços ao seu paiz.

Presidente da Camara roumana, o principe não teve ali senão desgostos, e abandonou por isso a carreira politica, para se fixar definitivamente em França, onde contava numerosos amigos.

A sua morte foi vivamente sentida pela alta sociedade parisiense.

O principe Brancovan foi o fundador da Sociedade nautica d'Evian, e organisára o anno passado uma serie de regatas, nas quaes tomaram parte todos os *yachtsmen* de França.

char da mocidade, essa afina-se ás cordas, e remira-se n'um moçoilo com um gesto de quem lhe está dizendo:—Gosta?

Elle, um tanto embaraçado, não ousa olhal-a de ficto em ficto, está com uns modos de donzel na casca, por maneira que faz vontade de uma pessoa lhe gritar:

«—Então você meche-se ou não se meche?»

No centro do grupo ha a maternidade e a virgindade,—qual d'ellas mais pura?

Entre hobreiras observa-as bonachamente a governante da casa,—creada antiga e que as viu empennar a todas,—ao pé de uma franganota, que se deteve em rilhar a bucha, com seus assomos de quem inveja o folguedo.

Baloucem-se, boas raparigas!

A vida é isto, exactamente,—um vaivem, uma fluctuação perpetua.

MOURAS DO SENEGAL

Não se pode dizer que sejam formosas, nem bonitas, nem elegantes; bem pelo contrario. Todavia, lemos algures que a Natureza as dotou com formas delicadissimas. Francamente, os exemplares que temos á vista desmentem aquella affirmativa, e deixam muito a desejar.



EGREJA MATRIZ DA VILLA DA PRAIA DA VICTORIA

O MESTRE DE PINTURA

Como está absorto e pensativo aquelle mestre de pintura, de quatro annos, colorindo o papel a grandes pincelladas, no meio de seus irmãos mais velhos!

O mais edoso está em pé, seguindo com olhar protector o trabalho que prende a attenção do mais novo, enquanto as duas creanças não desviam os olhos da obra prima que o outro conclue.

Todas estão preocupadas com a mesma acção e seguem com igual solicitude o ensaio do pequenito.

NO BALOÇO

Vão-lhes lá dizer o que ha de mau por esse mundo.

Balouçam-se!

E' uma familia jovial, fresca, em que as creanças mais parecem irmãos do que filhas.

Uma, a da esquerda, de pandereta e gesto lubrico, tem os ares petulantes de uma bohemia vadia.

Bom olho, bom dente, e uma intrepidez que se revela na postura. Todos se agarram, até a ella, vejão; mas a moreninha audaz a requebrar-se lascivamente, sem temer as ondulações da redouça.

A do outro lado, uma formosa rapariga em perfeito desabro-

EGREJA MATRIZ DA VILLA DA PRAIA DA VICTORIA

A estampa que hoje publicamos representa a igreja matriz da mui notavel villa da Praia da Victoria, na ilha Terceira.

Pelo seu frontespicio e elegante apparencia se conhece logo ser um templo sumptuoso e de bem acabada architectura.

São de marmore branco os umbraes do seu principal portico, perfeitamente lavrados, rematando em arco de excellente gosto.

Foi este offerecido, bem como as portas lateraes da mesma igreja, por el-rei D. Manuel, sob cujo reinado ella foi fundada, sendo depois sagrada por D. Duarte, bispo titular Dumiense, mandado de visita ao archipelago dos Açores pelo D. Prior de Thomar, e por ordem do mesmo monarcha.

A capella principal, pela sua riqueza e elegancia architectural, é uma das mais bellas dos Açores.

Soffreu esta igreja grandes estragos com os terremotos de 24 de junho de 1800—26 de janeiro de 1801 e 15 de junho de 1841, tendo sido por este ultimo completamente destruida toda a capella mór e a torre dos sinos.

Depois de reedificada, ficou a igreja tendo duas torres, em lugar da que existia antes do terramoto, ficando por isso muito mais regular e symetrico o seu frontespicio.

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica